

ELAIDE MARTINS DA CUNHA

# TRANSMIDIALIDADE E ANSEIOS DA CULTURA DA CONVERGÊNCIA NO G1 AMAPÁ<sup>1</sup>

*TRANSMIDIALIDAD Y ANHELOS DE LA CULTURA DE LA CONVERGENCIA EN G1 AMAPÁ*

*TRANSMIDIALITY AND ASPIRATIONS FROM THE CULTURE OF CONVERGENCE IN G1 AMAPÁ*

*Recebido em: 01 out. 2014*

*Aceito em: 1 fev. 2016*

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão atualizada e ampliada do texto “Convergência e Narrativa Transmídia no jornalismo amazônico brasileiro: manifestações no portal G1 Amapá”, produzido em 2014.

**Elaide Martins da Cunha:** Universidade Federal do Pará (Belém-PA, Brasil).

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Integra a Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JORTEC).

**Contato:** [elaidemartins@gmail.com](mailto:elaidemartins@gmail.com)

ISSN (2236-8000)

cultura e mídia

## RESUMO

Este artigo visa identificar características da narrativa transmídia e do jornalismo convergente no G1 Amapá. Para Jenkins (2009), convergência relaciona-se ao modo como as mídias circulam em nossa cultura e inclui o fluxo de conteúdos através de multiplataformas e a cooperação entre as indústrias midiáticas, sendo assimilada a partir da relação interconectada que as pessoas passam a ter com as novas mídias. Portanto, um processo cultural. Diante desses novos cenários, como a convergência se manifesta na produção jornalística do G1 Amapá? Seu conteúdo apropria-se de tais características? Há cooperação entre mídias e colaboração do público? Através de pesquisa exploratória, realizamos este estudo ainda preliminar, mas que já conduz à percepção de significativas inquietações à área jornalística.

**PALAVRAS-CHAVES:** Convergência; narrativa transmídia; jornalismo; G1Amapá.

## RESUMEN

Este artículo busca identificar características de la narrativa transmediática y del periodismo convergente en el portal G1 Amapá. Para Jenkins (2009), el término convergencia se relaciona al modo como las medias circulan por nuestra cultura e incluye el flujo de contenidos a través de multiplataformas y de cooperación entre las industrias mediáticas y se asimila a partir de la relación interconectada que las personas pasan a tener con las nuevas medias. Por consiguiente, lo comprendemos como un proceso cultural. Delante de esos nuevos escenarios, ¿cómo la convergencia se manifiesta en la producción periodística del G1 Amapá? ¿Su contenido se adueña de tales características? ¿Hay cooperación entre medias y colaboración del público? A través de investigación exploratoria, realizamos este estudio preliminar, un trabajo que lleva a las primeras impresiones de nuestra investigación y que ya conduce a la percepción de significativas inquietaciones periodísticas.

**PALABRAS-CHAVES:** Convergencia; narrativa transmediática; periodismo; G1Amapá.

## ABSTRACT

This paper aims to identify characteristics of transmedia storytelling and convergent journalism on G1 Amapá. Jenkins (2009) claims that convergence is related to the way the media circulates in our culture and it includes the flow of content through multiplatform and cooperation between media industries. This would be assimilated from the interconnected relationship that people start to have with the new media. Therefore, it is a cultural process. Given that, how convergence happens in the journalism production of G1 Amapá? Does its content have such characteristics? Is there cooperation between medias and collaboration with the audience? Through exploratory research, we have conducted this study, a preliminary work that already leads to a perception of significant concerns regarding the journalistic field.

**KEYWORDS:** Convergence; transmedia storytelling; journalism; G1Amapa.

## INTRODUÇÃO

Ao procurarmos compreender o termo ‘convergência’ no campo da comunicação, seus sentidos remetem a diversos desafios, seja de natureza ética, técnica, de formação e/ou produtiva. No jornalismo, esses desafios vão além da hibridização de linguagens e da produção de conteúdo para multiplataformas: estão, sobretudo, nas relações do jornalista com o público, com os colegas, com as empresas e consigo mesmo. Hoje, esse profissional precisa ampliar as suas habilidades técnicas para realizar as várias etapas do fazer jornalístico, produzindo, inclusive, para distintos veículos de um mesmo grupo de comunicação, mesmo recebendo salário apenas por um. Esse contexto leva à redução do número de vagas e/ou cargos nas redações e aumenta o acúmulo de função, em desacordo com o Código de Ética da categoria<sup>2</sup>.

Além disso, atualmente, o jornalista enfrenta dilemas decorrentes das novas relações com o público, que hoje assume um papel ativo no processo de construção da notícia – papel que se constitui uma condição *sine qua non* para a cultura da convergência, conforme a perspectiva de Jenkins (2009). Tais desafios são decorrentes, ainda, da pressão das empresas ao exigirem respostas mais imediatas aos investimentos tecnológicos e estruturais que fazem para enfrentar a concorrência, buscando novas formas de produção, distribuição e circulação de conteúdo, como também de modelos de negócios.

Dentre esses investimentos, a redação integrada é apontada por Salaverría e Negredo (2008) como uma das formas de reorganização com vistas à convergência jornalística, conforme veremos mais adiante. Segundo Longhi e D’Andréa (2012, p.9),

cada vez mais, a convergência transporta-se para a esfera noticiosa através de uma série de interesses específicos, trazendo novas “possibilidades para a produção de conteúdos jornalísticos, para a formação do profissional da área e para os veículos de comunicação, sejam eles iniciativas independentes ou vinculados a grandes conglomerados de mídia”.

Para Jenkins (2009), o conceito de cultura da convergência está atrelado a, pelo menos, quatro dimensões: tecnológica (combinação de funções em um mesmo aparelho), corporativa (fluxo comercial dos conteúdos de mídia), alternativa (fluxo informal e às vezes não autorizado de conteúdos de mídia apropriados pelos usuários) e cultural (mudança na lógica pela qual a cultura opera, com ênfase no fluxo de conteúdos pelos canais de mídia). Portanto, dimensões marcadas por fluxos.

Dessas dinâmicas, um dos resultados mais expressivos é a chamada narrativa transmídia, compreendida por Jenkins (2009) como uma abordagem mais integrada, cujas histórias desenvolvidas em múltiplas plataformas de mídia contribuem de forma distinta para o entendimento do mundo ou universo. Como a construção deste mundo requer a participação ativa do usuário, compreendemos que o desenvolvimento da história em multiplataforma é condição necessária, mas não suficiente para caracterizar a narrativa transmídia. Por isso, acreditamos que o grande diferencial da transmidialidade não está apenas na natureza multiplataforma de uma abordagem integrada, mas na participação ativa do usuário, marcada pela dimensão alternativa da convergência, a qual se faz bastante presente

<sup>2</sup> Segundo o capítulo IV, art. 14, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, só admite-se acúmulo de função em caso de razões justificadas e desde que haja remuneração extra.

nos conceitos-chave da narrativa transmídia, sistematizados por Jenkins (2009a) como: Espalhamento x Capacidade de Perfuração, Senso de Continuidade x Multiplicidade, Imersão x Capacidade de Extração, Construção do Universo, Serialidade, Subjetividade e Performance.

Neste trabalho, procuramos identificar tais conceitos no G1 Amapá, um site de âmbito estadual no Norte do Brasil. Trata-se de uma análise sobre as apropriações dos princípios da narrativa transmídia pelo jornalismo, reconhecendo, ainda, outras manifestações da cultura da convergência na produção e processos produtivos deste site. Portanto, um esforço de caráter empírico-exploratório, cuja metodologia é qualitativa. Enquanto procedimentos metodológicos, adotamos a pesquisa bibliográfica, a realização de entrevistas e a análise do G1 Amapá a partir de sua observação.

Para o referencial teórico, amparamo-nos na teoria da cultura da convergência elaborada por Jenkins (2009). O objetivo é discutir e refletir sobre as manifestações da convergência e da transmidialidade no campo do jornalismo, análise feita a partir do olhar sobre o G1 Amapá e sua relação com a TV Amapá, ambos do grupo afiliado das Organizações Globo no estado amapaense, uma parte da Amazônia brasileira.

#### NARRATIVA TRANSMÍDIA: CONCEITOS E PRINCÍPIOS

Como já vimos, a narrativa transmídia (*transmedia storytelling*) diz respeito a histórias contadas através de múltiplas plataformas que constituem um universo que se amplia e compreende a participação ativa do usuário. De acordo com Scolari (2009), é uma estrutura que se expande em termos de linguagens e mídias, compreendendo um universo icônico, textual, abrangente, multifacetado, estendido para a TV, rádio, celular, internet, jogos, quadrinhos, etc. Para Jenkins (2009), cada uma das histórias desenvolvidas em multiplataforma midiática, mesmo sendo independentes e autônomas, contribui de forma distinta para a nossa compreensão do universo, sendo a narrativa transmídia o que ele chama de ‘arte da criação de um universo’ - interconectado em diferentes canais de comunicação, cujo sentido só é plenamente compreendido quando se experimenta no todo. Por isso, Alzamora e Tárzia (2012), por sua vez, compreendem a narrativa transmídia como uma narrativa multimodal, de alta complexidade.

A narrativa transmídia é um conceito adotado por Jenkins (2009) em suas pesquisas sobre a teoria da cultura da convergência, cujo enfoque é verificar “algumas das formas pelas quais o pensamento convergente está remodelando a cultura popular americana e, em particular, como está impactando a relação entre públicos, produtores e conteúdos de mídia” (JENKINS, 2009, p. 39). Portanto, para ele, a convergência deve ser assimilada a partir da relação interconectada que as pessoas passam a ter com as novas mídias, sobressaindo-se a dimensão cultural da convergência. Tanto esta quanto as demais dimensões da convergência são muito nítidas nos conceitos-chave da narrativa transmídia, sistematizados por Jenkins (2009a) e apresentados no quadro 1, acrescentando-se as perspectivas de Souza (2011) e Martins (2012, 2015) para o campo do jornalismo.

**Quadro1:** Conceitos-chave da Narrativa Transmídia

Espalhamento	Possibilidade de o público participar ativamente na circulação de conteúdo de mídia a partir de recursos oferecidos pelo meio para espalhar a informação.
Capacidade de Perfuração	Associa-se ao conceito de espalhamento e diz respeito ao engajamento do público com a complexidade narrativa. No jornalismo, associa-se, ainda, à contextualização.
Senso de Continuidade	Refere-se ao prosseguimento da matéria em outra plataforma. No jornalismo, também diz respeito aos capítulos de uma mesma narrativa, como em especiais multimídia.
Multiplicidade	Refere-se à recontagem da história, distinguindo-se entre empresa e público, envolvendo histórias secundárias, versões alternativas.
Imersão	Considera os graus mais elevados de relação do público com o conteúdo, seja através de infográficos, manipulação, 3D, quiz, etc.
Capacidade de Extração	Capacidade de levar aspectos da história para espaços da vida cotidiana do usuário. No jornalismo, é possibilitada também por recursos como infográficos, etc.
Construção do Universo	Intimamente ligado à imersão e extração, uma vez que ambas representam formas de se envolver mais diretamente com os mundos representados nas narrativas. No jornalismo, também se vincula à contextualização da notícia via links e memória.
Serialidade	Relação entre a parte e o todo, podendo ser associada a padrões de repetição ou de recuperação com o intuito de relacionar trechos de uma história. Não se trata apenas de episódios, mas de resgatar assuntos de certa repercussão, como na suite jornalística.
Subjetividade	Refere-se às diferentes formas de narrar histórias, podendo possibilitar experiências distintas. No jornalismo, não se restringe à adaptação de modelos tradicionais.
Performance	Motiva a audiência (atratores culturais) para um determinado fim (ativadores culturais), induzindo-a contribuir com a narrativa.

Fonte: Elaide Martins, 2015.

Para Souza (2011), tais princípios são considerados, ao mesmo tempo, proposições teóricas e evidências de como as diferentes franquias transmídia contam histórias com o uso de distintas plataformas. Além disso, acrescenta esse autor, revelam a participação ativa do público em diversas etapas do processo, como criação, circulação, busca e compartilhamento de informações. Assim, a partir da compreensão desses conceitos-chave, partimos para a análise do site G1 Amapá, a fim de identificá-los, perceber suas apropriações pelo site e a presença da convergência em seu fazer jornalístico.

### **G1 AMAPÁ: DINÂMICAS INTEGRADORAS EM SEUS PROCESSOS PRODUTIVOS**

Criado em sete de junho de 2013, o site G1 Amapá integra o G1, o portal de notícias do Grupo Globo. O G1 é um veículo exclusivamente on-line fundado em setembro de 2006. Sua redação fica em São Paulo, mantendo sucursais no Rio de Janeiro e em Brasília. É produzido nacionalmente com sites no Distrito Federal e em todos os estados brasileiros, sendo que em Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo há um desdobramento de seus respectivos sites para a esfera regional. Dessa forma, o portal G1 é constituído por um conjunto de 57 sites, sendo 20 exclusivamente de âmbito estadual e 37 de âmbito regional (os quais compreendem a somatória dos desdobramentos desses sete estados).

O menu do G1 é composto pelas seguintes editorias: Carros, Ciência e Saúde, Concursos e Emprego, Economia, Educação, Esporte, Loterias, Mundo, Música, Natureza, Planeta Bizarro, Política, Pop & Arte, Tecnologia e Games e VC no G1. Quanto ao G1 Amapá, além destas editoriais, inclui na parte inferior do site: Blogs e Colunas, Brasil, Correções<sup>3</sup>, Ego, Fotos, Infográficos, Turismo e Viagem, Vídeos, Cinema e Games. A relação do G1 com o jornalismo da TV Globo e do Canal Globo News é estreita, uma vez que o portal e seus respectivos sites utilizam o conteúdo gerado pelas emissoras, principalmente vídeos. O portal e seus sites compartilham o acesso a um servidor que reúne material produzido pelas praças da Rede

<sup>3</sup> Esta editoria reúne correções de informações feitas por todos os sites do portal G1. Em nossa busca no final de 2015, encontramos doze páginas de correções, publicadas a partir de 17 de novembro de 2011.



Globo, acessando diversos tipos de informação, como agenda de contatos, espelhos e pautas de telejornais da emissora, além de reportagens e outros produtos.

No Amapá, esse compartilhamento tem sido aliado à tentativa de cultivar a cultura da colaboração entre as equipes. Segundo a coordenadora do G1 Amapá, Lorena Kubota (2014), a equipe do portal amapaense adota o ‘conceito’ de redação única e tenta reforçá-lo diariamente, disseminando a ideia de que se trabalha para um grupo e não apenas para um veículo. “Se eu tenho um material que pode servir para a televisão, por que não compartilhá-lo com a emissora de TV?”, pergunta-se Kubota referindo-se à TV Amapá, afiliada da Rede Globo no estado. Questionada sobre em que consiste a redação única, ela explica que não a entende enquanto unificação de estrutura física ou de distribuição de pautas, mas como um trabalho feito por profissionais de veículos distintos que pertencem a um mesmo grupo: “posso pedir, aos colegas, material que não tenhamos feito ou mesmo oferecer a eles algo que só nós fizemos”. Essa situação enquadra-se no que Salaverría, Avilés e Masip (2010) chamam de colaboração entre redações, conectadas por rotinas colaborativas em um fluxo informativo – um modelo de convergência de redação que estabelece uma dinâmica de integração produtiva.

Buscar aprimorar dinâmicas integradoras nos processos produtivos e implantar modelos que gerem produção compartilhada de conteúdo tem sido, atualmente, uma meta perseguida por várias redações no Brasil. O grupo paulista Folha, por exemplo, unificou as redações do jornal Folha de São Paulo (FSP) e da Folha Online, eliminando suas fronteiras físico-geográficas e promovendo a fusão das redações em 2012. “Esse foi o primeiro passo. Em 2010, outros passos menores foram sendo dados ao longo dos meses e um segundo mais importante foi a implantação do *Paywall*<sup>4</sup>. Com essa mudança, eliminamos de vez a diferença entre plataforma impressa e plataforma digital” (DÁVILA apud ZANVETTOR, 2012, p. 28). As diferenças se desfazem, especialmente, do ponto de vista da produção da notícia, que passa a ser realizada sem a definição de quem é o consumidor final, podendo ser um leitor, internauta, telespectador. Assim, ao produzir uma notícia, defende o editor executivo da FSP, Sérgio Dávila (apud ZANVETTOR, 2012, p. 29), o jornalista “tem que se preocupar mais com uma apuração bem feita [...] do que com o meio em que aquilo vai ser divulgado”.

Diferente da ideia de redação única, o conceito de redação integrada é apontado por Salaverría e Negredo (2008) como a junção de duas ou mais unidades redacionais, principalmente online e impressas. Eles explicam que, a fim de obter-se o controle de fluxo, as decisões editoriais direcionam-se para o mesmo núcleo redacional através da infraestrutura tecnológica, como equipamentos e sistemas gerenciadores de conteúdo. Assim, os modelos de redação integrada se apresentam de forma distinta dependendo da cultura do país, da história da empresa e da cultura jornalística. No entanto, como os próprios ressaltam, as características da convergência residem no impacto do modo de produção e na mudança do comportamento profissional ao ver alterada a lógica de trabalho monoplatforma para multiplataformas.

Além disso, os autores descrevem duas formas de convergência:

<sup>4</sup> O modelo *Paywall* é usado para a distribuição do conteúdo online e, através dele, uma parte da informação produzida é fechada a assinantes.

convergência pela escala midiática (convergência a dois – impresso e online; convergência a três – impresso, online e TV; convergência a quatro – impresso, online, TV e rádio) e convergência pela escala geográfica (convergência em meios de comunicação nacionais; convergência em meios de comunicação locais e regionais).

A tendência é essa. As integrações hoje são comuns. A Espanha é bem vanguarda nisso. O jornal El Mundo, por exemplo, tem na redação dele uma redação multiplataforma: tem o núcleo de jornal impresso, tem o núcleo de TV, tem o núcleo de rádio, e o de Internet, todas as mídias juntas, com suas equipes e com o fluxo pra cada uma. Então eu vejo que a tendência, ainda mais num grupo como o nosso, é essa. Não tem como você trabalhar separado. (ZANELA, 2006 apud NOVAES, 2007, p. 103).

Porém, é importante ressaltar que a unificação de redações nem sempre indica integração das mesmas, uma vez que somente o compartilhamento de espaço físico não significa, necessariamente, o planejamento e/ou estratégias que integrem as redações e as plataformas midiáticas em torno de uma mesma produção jornalística. Assim, a unificação física seria uma condição necessária, porém, não suficiente para a convergência jornalística.

Salaverría e Negredo (2008) acrescentam que a convergência jornalística refere-se aos processos multidimensionais que permitem uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens antes desagregadas, que possibilitam produtos para multiplataformas e linguagens distintas.

Nesse cenário, não só a convergência permite a interação entre antigas e novas mídias (JENKINS, 2009), como as inovações tecnológicas da comunicação possibilitam a transmidialidade e conduzem ao acúmulo de trabalho, exigindo dos jornalistas aprimoramento de habilidades, conhecimento e criatividade. “A narrativa transmídia, por exemplo, enquanto fruto desse avanço tecnológico, permite que os autores da história decidam como usar cada mídia, considerando-se o que há de melhor e mais forte em cada uma” (MARTINS, 2012, p.113). E por outro lado, possibilita que o usuário escolha em qual mídia deseja consumir a informação e, como bem ressalta Jenkins (2009), determine como e quando consumir os conteúdos de mídia.

Em relação ao G1 Amapá, percebemos que a equipe do site tem buscado adotar recursos e/ou modelos resultantes de inovações tecnológicas no campo da comunicação, apropriando-se, ainda que lentamente, de características da narrativa transmídia e de dimensões da cultura da convergência, como observaremos a seguir.

#### **CONVERGÊNCIA E TRANSMIDIALIDADE: ANÁLISE DO G1 AMAPÁ**

Ao analisar o G1 Amapá, identificamos a presença do que Salaverría e Negredo (2008) chamam de convergência em escala geográfica, uma vez que se percebe a integração de meios em diferentes esferas, ou seja, o portal G1 (nacional) reúne sites desenvolvidos em âmbito regional e estadual - no caso do G1 AP, abrange o estado do Amapá com ênfase para Macapá, a capital amapaense (local). Percebe-se, ainda, certa convergência pela

perspectiva produtiva, uma vez que tem sido, segundo Kubota (2014), cada vez mais frequente o compartilhamento de conteúdos entre o G1 AP e a TV Amapá.

Essa produção compartilhada nos leva a perceber também a presença da dimensão corporativa da convergência, ou seja, quando há fluxo comercial dos conteúdos de mídia, especialmente entre veículos de um mesmo grupo. Podemos citar como exemplo desse fluxo nos processos produtivos do G1 AP e TV Amapá, o naufrágio durante a procissão fluvial do Círio de Nazaré, em 10 de outubro de 2013. Como este fato ocorreu em um domingo, dia em que a televisão não exibe telejornal, a TV Amapá, cuja equipe cobriu o acidente, exibiu sua matéria em primeira mão no site. Para intensificar o fluxo de conteúdo entre os dois veículos, Kubota (2014) ressalta que a orientação dada à equipe do site é produzir material também para a TV Amapá. Pela experiência que vem desenvolvendo no G1 AP, a jornalista acredita que não seja difícil avançar no que ela chama de ‘filosofia de trabalho compartilhado’, especialmente porque a equipe do portal é jovem, dispõe-se a experimentar novas ideias e rotinas de trabalho.

<sup>5</sup> Informação prestada pelos repórteres Abinoan Santiago, Dyepeson Martins e John Clay Barriga à autora em 24 de março de 2014.

Atualmente, a rotina da equipe do G1 AP é bem definida. Segundo os repórteres Santiago, Barriga e Martins<sup>5</sup> (2014), diariamente, cada integrante da equipe faz apuração, redação e fotografias para a sua matéria, que costuma ser assinada. Já os vídeos de notícias, na maioria, são produzidos pela TV Amapá, cujos principais programas jornalísticos têm links na página principal do site. Ao clicar nos links dos programas Bom Dia Amazônia, Amapá TV e Jornal do Amapá, exibidos na emissora, respectivamente, pela manhã, tarde e noite, o internauta encontra os principais vídeos do dia ou o programa na íntegra, se for assinante. Quanto às edições anteriores, os vídeos são disponibilizados nas seções “mais vistos” e “palavra-chave”. Dentro do espaço dedicado aos vídeos do Amapá TV, há a seção “Fala Comunidade”, um quadro deste telejornal. Já a editoria “Vídeos” é composta pelas seções: G1 em 1 minuto; Todos os vídeos; VC no G1; Oficina G1; Geração Selfie; e Saúde, destinando espaço para as produções do grupo e do público.

Quando o G1 Amapá inclui algum vídeo no corpo de suas matérias, costuma usar os produzidos pelas emissoras vinculadas ao portal, principalmente os da TV Amapá. A disponibilidade desses vídeos permite ao site manter uma equipe reduzida, cuja produção de matérias mantém, na maioria das vezes, a clássica formatação do impresso (texto, fotos, legendas e créditos). Com isso, não incentiva a construção de narrativas inovadoras, não explora a potencialidade dos recursos online e não valoriza o princípio transmidiático da *subjetividade* – o qual se refere às diferentes formas de narrar histórias e que, no jornalismo, de acordo com Souza (2011), avalia, primeiramente, os formatos de conteúdos que não se limitem a copiar ou a adaptar modelos existentes na mídia impressa e audiovisual.

Em relação ao uso de redes sociais, o G1 Amapá adota o Twitter para divulgação instantânea de suas notícias. Através do endereço [twitter.com/g1ap](https://twitter.com/g1ap), o site amapaense compartilha links que direcionam seus seguidores do Twitter para suas notícias produzidas e atualizadas diariamente. Ao adotar um sistema de postagem automática, toda e qualquer publicação no site é compartilhada no Twitter.

Apesar de ser a única rede social usada na página principal do G1



Amapá<sup>6</sup>, uma vez que as demais só aparecem nas matérias internas, não há uma equipe de jornalistas para explorar o Twitter e nem mesmo para acompanhar a repercussão de suas notícias nesta rede, uma vez que o monitoramento é feito apenas pela equipe de marketing do grupo. Ao deixar de verificar o que o usuário vem discutindo no Twitter, o portal deixa de gerar novas pautas. E isso, atualmente, é tido como uma enorme perda no campo jornalístico porque o público tem usado as redes sociais para informar, opinar, comentar e discutir temáticas variadas.

Por outro lado, mesmo que a ferramenta VC no G1 Amapá também ofereça um espaço ao internauta, a sua participação neste canal não é expressiva<sup>7</sup>. Conforme Santiago, Barriga e Martins<sup>8</sup> (2014), quando a colaboração se trata de imagens, as possibilidades de uso são maiores. Os vídeos enviados, geralmente, são utilizados também pela TV Amapá, estreitando a parceria entre os veículos e reforçando a ideia de Kubota (2014) de redação única, ainda que não seja fisicamente integrada.

Além do VC no G1 e do próprio Twitter, o G1 Amapá disponibiliza outras formas de participação ao usuário. Em suas páginas internas, por exemplo, as notícias vêm com a opção de curtir, recomendar e/ou compartilhar através do Facebook, Google+ e Pinterest. Com isso, explora-se o princípio do espalhamento sistematizado por Jenkins (2009a) como uma das características da narrativa transmídia e que possibilita a participação ativa do público na circulação de conteúdo a partir de outras plataformas.

Diretamente associada ao espalhamento, a capacidade de perfuração pode ser identificada no espaço destinado para comentários. Desde que o usuário seja cadastrado no Facebook ou no Globo.com, pode comentar determinadas notícias no site, porém, desde 2015 não encontra mais o link antes disponível para enviar as notícias por e-mail. Atualmente, o contato via e-mail é limitado à redação pela seção “Fale Conosco”, cujo ícone fica na *home* do site e seu uso é voltado ao envio de sugestões, queixas e críticas, sendo restrito a usuários cadastrados.

Mesmo que limitado, esse incentivo à participação do público nos remete, ainda, ao conceito-chave de construção de mundo ou de universo, uma vez que a iniciativa pode possibilitar uma forma do público se envolver mais diretamente com os universos representados nas narrativas, buscando informações adicionais e contextualizando a notícia. Essa situação indica também a imersão que, no jornalismo, segundo Souza (2011), é favorecida pelo material dinâmico, manipulável e/ou com recursos de zoom. Reconhecendo-se a natureza dinâmica dos vídeos, poderíamos classificá-los como exemplo de imersão? A depender da ótica, as respostas divergem. É um material com movimento e que possui recursos de zoom, os quais podem ser manipulados e levar o vídeo a ocupar a tela de forma parcial ou total. Porém, movimentam o vídeo como um todo e não apenas uma determinada imagem ou ponto dessa imagem, a exemplo dos infográficos, provocando as divergências. Já a capacidade de extração não foi identificada.

Quanto à serialidade, em que partes da história podem ser consumidas em qualquer ordem, não se faz presente de forma explícita. A princípio, podemos identificá-la em matérias especiais, cujo tema, comumente, gera uma galeria de fotos e é abordado por veículos distintos, como a série de reportagens produzidas por ocasião do aniversário de Macapá, tanto no G1

<sup>6</sup> A logomarca do Twitter no portal fica ao lado das logomarcas dos seguintes serviços: Fale Conosco; VC no G1; Programação; CAT- Central de Atendimento ao Telespectador.

<sup>7</sup> De junho a dezembro de 2013, por exemplo, o site recebeu 104 colaborações de internautas, entre textos, fotos e vídeos, segundo informação prestada pelos repórteres Santiago, Martins e Barriga.

<sup>8</sup> Em entrevista citada anteriormente.

Amapá quanto na TV Amapá. Nesta emissora, os “pedaços” de informação preenchem vários programas, relacionando-se a parte com o todo e apresentando desdobramentos de um assunto de grande repercussão. No site, a participação do usuário, que costuma enviar vídeos, comentários e fotografias, não só constitui-se mais uma parte, como favorece outras transmidialidades, a exemplo da construção de universo, imersão, dentre outras.

Nesta pesquisa, também reconhecemos os demais princípios. No final de cada notícia, há uma seção com links para outras matérias sobre o mesmo tema, adotando-se, assim, o chamado senso de continuidade. Já a multiplicidade pode ser verificada nas versões alternativas das informações atribuídas ao público, que usam as redes sociais e outros espaços para comentar, contestar, criticar e/ou acrescentar novas informações às notícias divulgadas pela mídia principal. Assim, esta característica associa-se às recontagens da história por meio de versões distintas (Souza, 2011) e está estreitamente vinculada à dimensão alternativa da convergência, uma vez que essa recontagem costuma ser feita pelo público.

Quanto à performance, característica que compreende motivar a audiência (atratores culturais) para um determinado fim (ativadores culturais), também foi identificada. As histórias publicadas no próprio site funcionam como atratores, ou seja, atraem a audiência, que pode sentir-se estimulada ao engajamento, por sua vez favorecido por ferramentas para recomendar, compartilhar e/ou comentar. Ao usar tais ferramentas, diz-se que a audiência foi ativada, passando a produzir, inclusive, o seu próprio conteúdo, destacando-se a dimensão alternativa da convergência. Concomitantemente, a dimensão cultural é percebida nessa e nas demais situações identificadas. Isso porque esta dimensão representa, como já dissemos, uma mudança na lógica pela qual a cultura opera, enfatizando-se o fluxo de conteúdos pelos canais de mídia e manifestando-se, sobretudo, nas relações e interações sociais entre usuários, jornalistas e empresas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos nesta pesquisa, no campo do jornalismo os processos multidimensionais da convergência trazem à tona situações e pressões que estão reconfigurando as rotinas e processos produtivos, transformando modelos de negócios e a própria profissão. Os rumos a serem tomados ainda são incertos, mas acreditamos que a convergência é uma característica constante nessas transformações, até porque se trata de um processo e, como tal, é dinâmico e está sempre em fluxo. Temos clareza de que a convergência não ocorre meramente por meio de recursos tecnológicos, por mais sofisticados e complexos que estes venham a ser e por mais que reúnam antigas e novas mídias interagindo entre si, mas ocorre pelo conjunto de suas dimensões, sobretudo meio de sua dimensão cultural.

Neste trabalho, percebemos o reflexo dessas pressões em um site produzido e mantido em um mercado considerado periférico pelo seu tamanho e por sua condição geográfica em relação aos grandes centros no Brasil. Apesar dessa condição, esse site mantém uma forte preocupação em inserir-se no contexto da convergência, buscando apropriar-se de transmidialidades e desenvolver uma cultura convergente entre seus

profissionais e usuários. Mesmo que ainda em estágio inicial, é possível perceber manifestações da narrativa transmídia no G1 Amapá, a exemplo dos conceitos-chave que pudemos identificar ao longo de nossa análise.

Além disso, por mais insipiente que pareça, o fluxo de conteúdo entre um site e uma emissora de televisão do mesmo grupo é um indicador da tentativa de apropriar-se do conceito de redação integrada definido por Salaverría e Negredo (2008). Sem dúvida, reafirma a dimensão corporativa da convergência e já se insere no modelo de convergência representado pela colaboração entre redações, conectadas por rotinas colaborativas em um fluxo informativo. No entanto, pelas entrevistas realizadas para este trabalho, percebe-se que o conceito de redação integrada, que visa realmente a junção de duas ou mais unidades redacionais, é a meta de alguns membros do site. No contato com integrantes da equipe, foi possível observar, ainda, a intencionalidade em implementar também a chamada pauta unificada, a partir da sonhada redação integrada, e explorar mais o potencial colaborativo do público para a produção jornalística, ampliando o seu envolvimento.

A busca por uma redação integrada e pela divulgação de conteúdo em multiplataformas (site, TV e Twitter) indica a intencionalidade do G1 Amapá em adotar a transmidialidade e a convergência em suas práticas jornalísticas, levando seus profissionais a experimentar novas ferramentas e a desenvolver habilidades técnicas de distintos meios.

Assim, em suas ações, o G1 Amapá demonstra iniciativas e anseios de inserir-se na chamada cultura da convergência, a qual vem tornando as fronteiras entre os meios de comunicação cada vez mais imprecisas. Indubitavelmente, no campo jornalístico, a convergência vai além de uma mudança tecnológica e/ou corporativa: representa uma mudança no modo como nos relacionamos com as mídias e com os atores que constroem esse campo na contemporaneidade, constituindo-se, assim, uma ampla e significativa mudança cultural.

## REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane Carvalho; TÁRCIA, Lorena. A narrativa jornalística transmidiática: considerações sobre o prefixo trans. In. LONGHI, Raquel; Carlos d'ANDRÉA (org.). **Jornalismo Convergente – reflexões, apropriações, experiências**. Florianópolis: Insular, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Trad.: Susana Alexandria. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

\_\_\_\_\_. Revenge of the Oragami Unicorn: Seven Core Concepts of Transmedia Storytelling. In. **Confessions of an Aca**, 2009a. Disponível em: [henryjenkins.org/2009/12/the\\_revenge\\_of\\_the\\_origami\\_uni.html](http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html). Acesso em: 29 ago. 2012.

MARTINS, Elaide. **Telejornalismo na era digital**: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. *Brazilian Journalism Research*, SBPJor, v. 8, n. 2, 2012, p.97-117.

\_\_\_\_\_. Narrativa transmídia no jornalismo amapaense: percepções e apropriações In. SARDINHA, Antonio; MARTINS, Elaide (Orgs). **Interfaces Midiáticas na Amazônia - pesquisas, saberes e vivências**. Macapá/Rio de Janeiro: EdUnifap /Autografia, 2015, p. 156-179.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida ao programa Roda Viva**, na TV Cultura, no ano de 2000.

NOVAES, Dulcinéia. **Perfil do jornalista na cibercultura: desafios do webjornalismo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens). Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

LONGHI, Raquel; Carlos d'ANDRÉA (org.). **Jornalismo Convergente – reflexões, apropriações, experiências**. Florianópolis: Insular, 2012.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado – convergência de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Sol90media, 2008.

Rámon; GARCIA AVILÉS, José A.; MASIP, Pere. Concepto de convergencia periodística. In: LÓPEZ GARCÍA, X.; PEREIRA FARIÑA, X. (Ed.): **Convergencia Digital**. Reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago: Universidad de Santiago, Servicio de Publicaciones, 2010.

SCOLARI, Carlos A. **Transmedia Storytelling: Implicit Consumers, Narrative Worlds, and Branding in Contemporary Media Production**, 2009. Disponível em: < <http://migre.me/qY4sc> > Acesso em: 09 jul. 2014.

SOUZA, Maurício Dias. **Jornalismo e Cultura da Convergência – a narrativa transmídia na cobertura do caso cablegate nos sites El País e Guardian**”. Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFSM-RG, 2011.

ZANVETTOR, Katia. **Entrevista: um olho no novo, outro no papel**. Revista Imprensa – Jornalismo e Comunicação, n. 281, Ago 2012. São Paulo, p. 26-32.